

**OS CARTÉIS DA ESCOLA
INTERCONTINENTAIS E BILÍNGUES**

FOLHAS SOLTAS DA ESCOLA

Nº 2

Boletim aperiódico dos Cartéis da Escola do CAO E
Intercontinentais e bilíngues



EPFCL

Dezembro 2022

SUMÁRIO

Apresentação	3
Dyhalma N. Ávila-López (Porto Rico) O que resta do corpo...no final?	4
Luciana Guarreschi (Brasil) Quando a gente espera, a gente não escuta.	7
Philippe Madet (França) A nova tirania do saber.	9
Kristèle Nonnet-Pavois (França) O saber no discurso analítico. Uma ignorância certa?	11
Juan del Pozo (Espanha) O maelström de uma psicanálise.	14

APRESENTAÇÃO

Esta segunda edição de *Folhas Soltas* dos cartéis de Escola do CAOE 2021-2022 difere da primeira edição. Mais leve, resulta do convite feito pelo nosso CAOE a integrantes de cinco cartéis intercontinentais e bilíngues para escreverem pequenos textos inspirados no trabalho de seu cartel. O Catálogo de cartéis pode ainda ser consultado no nº 1 destas *Folhas Soltas*.

Os autores levantam questões que colocam em tensão o percurso de cada cartel com o tema que escolheram. São assim pontuados: o saber do psicanalista e os dejetos da douta ignorância, a tirania do saber e a psicanálise em intensão, a questão da padronização das elaborações sobre o passe, os tempos lógicos do corpo no tratamento, a passagem do sintoma ao *sinthoma* e seus diferentes usos do gozo.

Assim o nosso CAOE conclui as suas atividades com estas cinco contribuições, e fica a aguardar um número 3 vindo do próximo CIG ao qual deseja as boas vindas e um bom trabalho futuro.

Boa leitura e boas festas a todos e a todas.

10 de dezembro de 2022

Sandra Berta

O que resta do corpo... no final?

Dyhalma N. Ávila-López, (Fórum de Porto Rico)

Recebo com entusiasmo esta convocatória para dar um eco do trabalho em curso em um cartel cujo tema é *o corpo no final*. Mas, antes de transmitir algo sobre o que aportam o cartel e suas perguntas, faço um comentário a respeito de sua composição, aproveitando a contingência de dois equívocos na versão em espanhol do convite: psicanálise em *tensão* (para em *intensão*) e a tradução do francês *provenant* (ao invés de *a partir de*) para *decurrente*, termo da botânica que alude ao *limbo* de uma folha.

Limbo, na doutrina católica, remete ao lugar destinado a quem morre sem o batismo, o que ressoou com um momento de ligeira tensão – evocando o outro equívoco – ante a dúvida sobre se o cartel poderia ser “batizado” como um de *Escola intercontinental e bilíngüe*. A dúvida, que deixava em um certo limbo, era se o caráter intercontinental era estritamente geográfico, pois três membros pertencemos a Zonas do Dispositivo América, e um a um Fórum da Zona Anglófona, associado ao Dispositivo França mas localizado nos Estados Unidos.

Costumo dizer que aposto em um trabalho de Escola orientado pelo *rigor sem rigidez* e, por sorte, essa parece haver sido também a aposta do CAOÉ, ao acolher este cartel cuja composição apontava a umas fronteiras menos rígidas em relação a “ambos os lados do Atlântico”. Reflexo de nossa comunidade internacional e plurilingüe, neste cartel estão representados: os dois Dispositivos de Garantia, três Zonas¹, quatro Fóruns², três línguas³ e quatro nacionalidades⁴.

Os temas que estamos trabalhando são: *(Des)encontros entre o corpo e o sujeito da enunciação* (Gabriela Costardi), *A fantasia sexual suspensa no corpo até a puberdade* (Liora Stavchansky), *A vivência da pulsão depois da análise* (Gabriela Zorzutti, mais-um) e, de minha parte, *O corpo e os tempos da análise*.

¹ ALN, ALS, Anglófona.

² Colorado, Los Angeles, México, Porto Rico.

³ Espanhol, inglês, português.

⁴ Argentina, Brasil, México, Porto Rico.

No momento, vimos discutindo apresentações do Primeiro Encontro Internacional da Escola em *Wunsch* 8, assim como testemunhos de passe em seu número 21. Fruto da discussão, surgiu:

- a pergunta sobre de qual corpo o sujeito fala, pois: costuma chegar à análise falando do *corpo-organismo* que adocece e dói, do *corpo-imagem* das identificações, do *corpo-fantasmático*; mas do *corpo-pulsional*, com suas marcas de gozo, parece falar somente se se “intromete no dizer”.

- a constatação de que, em uma análise, o final está desde o início, e a experiência “devolve um corpo” ao analisante: um *corpo pulsional* do qual, *hystorizando-o*, pode se apropriar e fazer um uso novo, a partir de uma nova relação com o sintoma; um corpo já não tanto *mortificado* pelo gozo, mas *vitalizado* por um *desejo encarnado*, *vivificado* por uma nova articulação entre desejo e gozo.

- a pergunta sobre o corpo no passe: como escutamos o corpo no dispositivo; por que pareceria que, em muitos testemunhos, “falta o corpo”; quantas análises levam ao *desejo do analista* como possível destino da pulsão.

- a constatação de efeitos analíticos na *vivência da pulsão*, após o final da análise: aquilo que do *saber-sem-sujeito* segue trabalhando no corpo, já não a partir da trans-ferência, mas da trans-missão nos dispositivos de Escola.

Com relação à minha pergunta, se haveria, em uma clínica que supõe uma temporalidade ao inconsciente e uns tempos à análise, algo generalizável em termos de estrutura, sobre o trabalho analisante ao redor do corpo; se se poderia falar de *tempos lógicos do corpo* na cura, nesse percurso que abre a possibilidade de um fazer distinto com as marcas de gozo que empurram à re-petição⁵. Um transitar que implica, entre outros, movimentos cruciais a partir:

- do sintoma como corpo estranho ao *sintoma analisante*⁶.
- do imaginário e o simbólico das identificações ao real da singularidade de gozo.
- da divisão do sujeito à do *parlêtre*, o ser falante com sua dimensão corporal⁷.
- da *corpo-rección* dos gozos socializados à *corpo-diferença* do gozo dissidente⁸.
- da *bela indiferencia* ao *sinthome*⁹.

⁵ A autora faz um jogo de palavras com *re-corrido* (percurso) e re-petição (N. T.).

⁶ Lombardi, G, Wunsch 8, p. 35.

⁷ Soler, C. (2019) Los tempos de los sujetos y del inconsciente. Seminario Escuela F9, Madrid.

⁸ *Ibid.*

⁹ Izcovich, L. (2022). El cuerpo: del deseo al goce, *El cuerpo y el tiempo en un psicoanálisis*. Grupo de trabajo Inter-Foruns, p. 172.

- do objeto da fantasia e o objeto pulsional, a um objeto “desnudado”; ao *objeto-causa*, o *objeto-furo* e o *ser-de-objeto*¹⁰.

- do corpoanalisante ao *corpoanalista*¹¹.

Quicá também, ocorre-me propor, um movimento: de – evocando A terceira¹² – um sintoma *nutrido* de sentido a um esvaziado, *des-nutrido*; e – aludindo ao equívoco psicanálise “em tensão” – do *corpo-em tensão*¹³ ao *em-corpo*¹⁴ *em intensão*, um corpo para fazer Escola.

Tradução: Maria Laura Cury Silvestre

Quando a gente espera, a gente não escuta

Luciana Guarreschi (FCL São Paulo, EPFCL-Brasil)

Entrei no cartel intercontinental *Terminaison de l'analyse, des lectures d'École*¹⁵, com inquietações sobre a doxa de nossa Escola e como ela recorta nossos dispositivos de Escola, passe e cartel, mas também como as instâncias responsáveis pelo funcionamento destes dispositivos estariam sendo recortadas por ela. Inquietações que me levaram a perguntar se estávamos mais propensos à uma ortodoxia ou se praticamos alguma heterodoxia no exercício de funções diversas em nossa Escola: enquanto analistas, membros do secretariado do passe, membros do cartel do passe, **o que esperamos escutar?** Trocando em miúdos, não

¹⁰ Soler, C. Wunsch 8.

¹¹ Rostagnotto, A. (2021). O saber, se inventa?, *Wunsch 21*, p. 14.

¹² Lacan, J. A Terceira, in: Textos complementares ao Seminário 22 – RSI (1974-1975), p. 48. Edição não comercial destinada aos membros da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, 2022.

¹³ “Estado de um corpo submetido à ação de forças opostas que o atraem” (RAE, Diccionario de la Lengua Española).

¹⁴ Lacan, J. (1971-1972) O seminário, livro 19: ...ou pior, Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

¹⁵ Formado com Patrick Barillot, Monica Palacio, Nadine Cordova e Patricia Gavilanes.

poderíamos estar adaptados demais à série de enunciados ritualizados em nossa Escola - revelando algum tipo de consonância tácita - que obstaculizaria nossa escuta, relegando-a à uma espera desta mesma série de enunciados?

Estou avisada que não há “grau zero” de escuta, o que significa dizer que sempre partimos de algum lugar e, neste sentido, é bom saber de onde para evitar negligências e posições incautas. Na psicanálise, assim entendo junto aos desenvolvimentos lacanianos, partimos de uma posição, a do não saber. Freud não chama assim, ele diz simplesmente: escutar cada caso como se fosse o primeiro. Não é tarefa fácil, não há à toa ele a coloca como impossível, juntamente com governar e educar. Compartilhamos desse enunciado, mas será que o praticamos nas diversas instâncias de Escola? Ou vamos seguindo um certo “Lacan disse” para justificar ações tomadas no interior mesmo destas funções?

Sendo mais específica: nossos operadores comuns de leitura poderiam estar servindo de amarras? Se sim, como? Com essas questões em mente me lancei, junto com o cartel, à leitura das *Wunsch*, uma parte expressiva do que nossa Escola desenvolveu em 20 anos. Repassar essas leituras, discuti-las em outra língua, acompanhar o raciocínio dos colegas, foi e está sendo fascinante.

No entanto, neste um ano e meio, não posso negar que notei certa uniformidade nos textos, talvez apenas maneiras um pouco diferentes de dizer a mesma coisa. Se é verdade, como diz nossa Carta de Princípios, que respeitamos as dimensões locais, que ademais são muito diferentes, em função das várias línguas envolvidas, dos diferentes percursos históricos e culturais na psicanálise e mesmo fora dela, por que me pareceu que, nas *Wunsch*, há uma certa uniformidade? Isso significaria que encontramos a boa maneira de nos comunicar? Onde estariam as dissonâncias necessárias provindas das articulações entre os dialetos psicanalíticos regionais, o singular de cada análise e a uma certa uniformidade internacional? Alguma impertinência deve marcar lugar em nossa Escola, tal qual a figura do estrangeiro/estranho em nossas análises e nas análises que conduzimos.

Isso me levou a retomar Reik, é a ele a quem Lacan recorre em suas ideias sobre “não compreender rápido demais” e sobre o papel da surpresa na escuta analítica. Reik diz que é preciso a coragem de não compreender para que o sujeito da análise seja “subitamente confrontado com seu próprio pensamento como se fosse uma coisa estranha [...]. Por mais paradoxal que pareça, só podemos nos conhecer se nos tornarmos estranhos a nós mesmos”¹⁶.

¹⁶ Reik, Theodor. *Ecouter avec la troisième Oreille*, EPI S.A. Éditeur, Paris, 1976, p. 222.

A consonância nas Wunsch sinaliza que é preciso dar lugar a impertinência estrangeira, “por mais paradoxal que pareça”.

A seguir Reik, não precisamos temer desagregações. Ele conta um episódio com Freud, eles estão com a idade avançada, a guerra se presentifica, Freud está de saída para Londres: “Nós dois sabíamos que nunca mais nos veríamos. Depois de apertar a mão dele, fiquei na porta, incapaz de pronunciar uma única palavra. [...] Enquanto eu balançava a cabeça sem responder, ele disse em voz baixa, mas firme, como se quisesse me confortar: “As pessoas não precisam grudar umas nas outras quando andam juntas”. Reik conta ainda que essa frase lhe veio muitas vezes à cabeça: “Repeti-a quando alguns analistas expressaram a ideia de que eu estava sendo desleal a Freud ao descobrir que certas teorias tinham de ser modificadas à luz de pesquisas mais recentes. [...] Talvez temperasse o amor-próprio desses senhores que se dizem “freudianos” saber o que Freud me disse com um sorriso: “*Moi, je ne suis pas freudiste*” [...]”¹⁷.

Não precisamos continuar a esperar sempre os passos lacanianos para ocultar o fato de que temos mais coisas que nos divide do que nos junta, o que não é um problema, afinal a gente não precisa estar grudado para seguirmos juntos.

A nova tirania do saber

Philippe Madet (Bordeaux, EPFCL França)

Cartel: Cora Aguerre, Espanha; David Bernard, França (Mais-Um); Philippe Madet, França; Vera Pollo, Brasil; Sara Rodowicz-Sluzarczyk, Polonha.

¹⁷ *Ibid.*, p. 467.

Nosso trabalho de cartel no interior do LIPP articula, a partir da leitura do seminário XVII, a questão do saber e de suas novas tiranias¹⁸ com a política da psicanálise. Se é admitido que a extensão está ligada à intensão, há também razão para se perguntar sobre os efeitos dos modos de gozo da civilização e, particularmente, de sua apreensão do saber no discurso analítico.

Lacan apresentou o discurso analítico como fazendo parte de uma rodada de 4. Desde que o discurso analítico esteja na rodada é, portanto, que ele está ligado aos outros, com possíveis efeitos de porosidade entre uns e outros. Ele não está fora do mundo, ele veio para responder, em particular, ao desenvolvimento da ciência, à crescente participação do discurso científico no final do século XIX, período concomitante aos primeiros trabalhos de Freud e ao nascimento da psicanálise.

Com a ciência apareceu um novo saber, no real, capaz de suplantando a religião, saber naquele céu. Mal-estar. A psicanálise, por outro lado, eclodiu a possibilidade de um saber alojado em outro lugar: o insabido, ou seja, o inconsciente.

O estatuto do(s) saber(es) foi, portanto, modificado ao mesmo tempo pela ciência e pela psicanálise.

No entanto, nossa relação com o saber mudou?

A religião, a ciência ou a psicanálise demonstram uma relação com o saber enquanto questão estrutural. Buscar saber é uma constante entre os seres falantes, mesmo que essa busca seja orientada para diferentes discursos. Uma grande diferença, porém, os distingue: a religião e a ciência associada ao capitalismo produzem saberes estabelecidos, para serem consumidos, enquanto a psicanálise inventa o saber como enigma.

Assim, o que mudou independentemente do discurso e da evolução da civilização, ou o que pode mudar, não é a nossa relação com o saber, mas o saber com o qual nós nos relacionamos.

A tirania do conhecimento é estrutural?

Falar de uma nova tirania implica que esta última não é nova. Podemos pensar no inconsciente: “O que você faz, sabe - sabe, *s, a, i, t* ¹⁹ – sabe [é] o que você é, sabe [é] você²⁰. O mesmo vale para o significante que determina o sujeito e o marca até em seu corpo.

Isso também é verdade no nível coletivo, sendo a religião o exemplo paradigmático com sua capacidade de impor o saber sem se preocupar com o de seus fiéis. O capitalismo não

¹⁸ Segundo a expressão tirada do seminário XVII, p. 32 da edição da Zahar, 1992.

¹⁹ O autor separa as letras do verbo saber conjugado em francês, acreditamos que em função da homofonia que “sait” tem com “c’est”, que é o verbo ser conjugado na terceira pessoa do singular.

²⁰ Lacan, J., *Les non dupes errent*, seminário inédito, lição de 11 dezembro de 1973.

é mais uma nova tirania, já conhecemos suas fontes há muito tempo. Ele sabe que a falta mora em nós, prova isso de forma ainda mais contundente que a psicanálise e sabe nos tyrannizar com seus mais-de-gozar.

A nova tirania evocada por Lacan diz respeito à burocracia ligada à ciência por sua preocupação em controlar não os significantes, veículos de sentido, mas os números ou as letras das equações, fora do sentido. Sabemos, principalmente no campo do cuidado, o quanto isso é exponencial.

Enquanto a religião guarda uma parte do mistério, mantida não pelo sujeito, mas por Deus, a burocracia e a ciência tentam suprimi-lo. À verdade, elas opõem a certeza do saber total. Enquanto o sujeito era assujeitado, possivelmente submisso, o todo-saber do des-assujeitado.

Quais são as consequências para a psicanálise em intensão?

Dois hipóteses:

- A primeira pode dificultar a análise. Se o recurso ao analista permanece frequente, a passagem para a análise parece mais difícil pela tirania e injunção do saber e, em particular, pela desvalorização dos significantes em favor de letras fora do sentido. A cura é orientada pelo real, mas passa pelos significantes, por mais enganosos que sejam. E quanto à psicanálise se o equívoco for removido?

- A segunda, ao contrário, pode ser uma abertura. O real trazido à luz pelo todo-saber poderia revelar um horror desse saber, diferente daquele da psicanálise, mas tal que a passagem à análise poderia oferecer um espaço de vida preferível, para não se decepcionar do lado do analista.

Essas duas hipóteses vêm ainda mais questionar o desejo do analista e colocá-lo à prova.

Tradução: Luciana Guarreschi

O saber no discurso analítico. Uma ignorância certa?

Kristèle Nonnet-Pavois (Paris, EPFCL França)

A partir da leitura das entrevistas que Lacan teve na capela do hospital Sainte-Anne entre novembro de 1971 e junho de 1972 sob o título *Le Savoir du psychanalyse* e da *Nota Italiana*, 1973.¹

“Todos sabem, alguns ignoram”²

É com essas palavras que Lacan vem dizer a importância que ele dá às entrevistas preliminares na análise. Mas este início de frase coletado aqui ressoa com sua introdução a este seminário paralelo, uma série de entrevistas que ele mantém com internos de psiquiatria. De fato, para entrar na questão do saber, Lacan faz passar seu auditório pela ignorância. Ele começa com a ignorância definida como aquela que está “ligada ao saber, [que] é uma maneira de estabelecer o saber, de fazer dele um saber estabelecido”³, ou seja, um saber bem instalado. Esse saber, um saber que reina, Lacan o abandona na beira do caminho para seguir em direção a um saber diferente, o da ignorância douda definida pelo cardeal Nicolau de Cusa para quem o saber – ou a verdade – está num lugar determinado e inacessível. Assim, figurar-se o infigurável, aproximar-se do inacessível, eis um saber infinitamente perfectível para o ignorante que será tanto mais doudo quanto melhor souber que é ignorante e assim se aproximará da verdade sempre esquiva, lá onde um Outro sabe, mas permanecerá inalcançável.

Abordaríamos por esta via aquilo que revela o saber do psicanalista?

O lugar do saber prevalece na experiência analítica porque é necessário para o estabelecimento da transferência, esse “amor que se dirige ao saber”⁴ e seu tratamento. Então,

¹ Esse escrito faz que se encontrem dois Cartéis intercontinentais: o Cartel “O saber do psicanalista”, com Anaïs Bastide, Julieta De Battista, Carole Leymarie y Dominique Touchon Fingermann e o Cartel “O analista como produto da análise e seu vínculo com a Escola” em torno da *Nota Italiana* e do comentário de Colette Soler, com Diego Mautino, Chico Paiva, Claire Parada, Lia Silveira.

² Lacan, J. *Eu falo às paredes*, Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2011, p. 4.

³ *Ibid.* p. 12

⁴ Lacan, J. Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2003, p. 555

que saber - e que ignorância – se trata? Pois “isso não autoriza o psicanalista, de modo algum, a se dar por satisfeito com saber que nada sabe, pois o que se trata é do que ele tem de saber [...] o não sabido ordena-se como quadro do saber”⁵. Todos sabem o saber estabelecido. Muitos ignoram o saber insabido, esse “saber que se articula, é estruturado como uma linguagem”⁶.

Um saber do insabido

Especialmente, ao considerar no balbucio⁷ porque “no mofo há sempre sombras, cavidades”⁸, os “sulcos da fala e do discurso” como produção de saber.

Olhando “para além do muro”⁹, além do sentido, o que escava o objeto *a*, esse “objeto inteiramente alheio à questão do sentido”¹⁰.

Se orientando para “nada senão o real que é assinalado justamente pelo impossível”¹¹.

Tropeço, ausência da palavra final conclusiva, encontro com um impossível, disso é feito o saber que produz o analista para fazer funcionar o discurso analítico, esse discurso na “fronteira sensível entre a verdade e o saber”¹². O tratamento da verdade em função na psicanálise, verdade que através da linguagem só pode ser meio dita, leva à produzir uma relação inédita e singular ao saber, ao desejo de saber.

Para se desfazer da ignorância passional, do saber estabelecido, de um “não quero nada saber”, e ainda não ficar na posição de doutos ignorantes que não querem saber do limite do saber articulado, então o analista “sabe ser um rebotalho. Isso é o que o analista deve ao menos, tê-lo feito sentir”¹³. Isso, Lacan escreve, alguns meses depois das entrevistas na capela de Sainte-Anne, para outro auditório, desta vez para o tripé italiano. “Rebotalhos da douta ignorância”¹⁴ ele precisa para definir isto que faz a marca de um analista; o analista não se define pelo saber dominado, mas mais pelo que resta de impensável, de irrepresentável. E em sua Carta, Lacan assim o reformula: “O analista aloja um outro saber, num outro lugar, mas

⁵ Lacan, J. Proposição de 9 de outubro de 1967. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2003, p. 254.

⁶ Lacan, J. *Eu falo às paredes*, Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2011, p. 23.

⁷ *Ibid.* p. 82.

⁸ Lacan, J. O seminário, livro 19: ... ou pior. Rio de Janeiro: Zahar ed., 2012, p. 73.

⁹ *Ibid.* p. 73.

¹⁰ Lacan, J. *Eu falo às paredes*, Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2011, p. 85.

¹¹ Lacan, J. O seminário, livro 19: ... ou pior. Rio de Janeiro: Zahar ed., 2012, p. 73.

¹² Lacan, J. *Eu falo às paredes*, Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2011, p. 18.

¹³ Lacan, J. Nota italiana. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2003, p. 313.

¹⁴ *Ibid.* p. 313.

que deve levar em conta o saber no real"¹⁵. Rebotalho aquele que cerniu o horror do que ele sabe, o horror da castração do Outro. Uma barra se coloca no Outro.

À saber que existe um saber que não se sabe, seja a incompletude do saber que deixa perceber um impossível, o analista saberia uma ignorância certa. Um saber do psicanalista, ao mesmo tempo singular e assegurado, portador de um “desejo inédito”¹⁶

Tradução: Elynes Barros Lima

O Maelström de uma psicanálise,

Juan Del Pozo (Donostia-Saint-Sébastien, FP do País Basco, Espanha)

Vários colegas, de ambos os lados do Atlântico, nos reunimos ao redor do tema final de análise e suas implicações, tais como o passe a analista, o desejo de analista, as intervenções e efeitos do analista na fase final, as mudanças na economia de gozo do sujeito que se vê transformado pela análise... meu tema é “do sintoma ao *sinthoma*”. A pergunta sobre o que é um AE nos pôs a indagar, a partir dos textos surgidos dos diversos testemunhos de passe e elaborações dos AE. Um material que nos ajuda a circunscrever pelo menos a lógica da transformação do sujeito depois de uma análise a partir da clínica de seu caso.

Além disso, cada membro do cartel se vincula aos demais a partir de uma ignorância que o interroga de um modo próprio. O saldo de solidão de um percurso analítico mais ou menos prolongado faz vínculo entre nós, cartelizantes, em torno dos pontos de ignorância que nos importava trabalhar.

Ainda que a teoria sobre o final de análise seja mais ou menos compartilhada e aceita, no entanto, aquilo que concerne à experiência vital, existencial dos participantes provoca uma

¹⁵ *Ibid.* p. 312.

¹⁶ *Ibid.* p. 313.

tensão dirigida a interrogar a experiência analítica e seu final. Nosso cartel tem uma veia divertida e preferimos não nos acomodar acriticamente aos saberes estabelecidos, impedindo que as formas solenes coagulem nossos intercâmbios. Isso faz com que as intervenções passem por uma enunciação própria que tinga nossa leitura e discussão de textos selecionados a partir de uma ressonância no caso que cada um de nós é também para a psicanálise.

O estilo do cartel reúne então pinceladas de humor e de seriedade, também de antidogmatismo. Não sei como dizê-lo melhor: distanciarmo-nos da psicanálise para indagá-la em seu mais íntimo. Perfilando seus efeitos mais além da crença constitutiva do movimento inicial da transferência. O cartel não é um trabalho de seita que idealize um amo do saber. É com os filamentos de saber que se deve montar um artifício, mas sem um gozo/defesa frente ao não-todo da névoa do real.

Precisamente, um dos textos de AE que tomamos como material de trabalho foi *Niebla*¹⁷, de nossa colega Camila Vidal.

O saber da psicanálise é um saber que ao se encarnar nas individualidades viventes daqueles que fazem a experiência analítica, não admite uma completude, uma totalização, e a experiência da análise é também a experiência de certa expulsão, de certo exílio do campo de um suposto saber unificado. Uma análise permite a experiência clínica e singular da não totalização do saber. Não a meramente teórica. Ser dejetos do discurso, atravessar o horror de saber e encontrar uma satisfação aí, tal é a surpresa e o aporte da psicanálise.

O sintoma que se abre à transferência pode se transformar ao final de uma análise para outro uso que não o do gozo da crença ou do engano do sujeito suposto ao saber. Saber fazer com o sintoma um uso diferente que o do gozo para causar o desejo de saber seria o que chamamos Sinthome. Um uso: causar um desejo (inérito, pois leva em conta o real). Causar a psicanálise. No cartel, nos interrogamos sobre a experiência do horror a atravessar que iríamos ler em paralelo àquilo que Lacan dizia sobre os analistas terem horror de seu ato. Dois Maelström diferentes provenientes da literatura. Um, o de Júlio Verne em *20.000 léguas submarinas* em que a ligeireza e alívio são relatados pelo sobrevivente do *Nautilus*. Outro, o de Edgard Allan Poe, *Uma descida no Maelström*, no qual é o próprio relator quem testemunha sua transformação. Ambos ilustram diferentes aspectos de uma experiência de transformação subjetiva na literatura.

Os testemunhos e textos que trabalhamos coincidem ao manifestar que essa transformação produz uma mudança na economia libidinal, uma espécie de liberdade e ligeireza no

17 Em português, névoa.

manobrar posterior do novo analista. Manifestado em forma de um afeto de satisfação. Mas, ao mesmo tempo, a dificuldade de que as palavras alcancem uma transmissão racional que se pretenda íntegra. Resta que se transmita um desejo passado pela clínica singular de cada analista. Talvez o que se deva esperar não é o testemunho redondo, e sim a ressonância de uma audácia: a de dar um passo mais além do horror ao saber.

Diz Camila Vidal que, frente ao discurso capitalista que vela seus impossíveis e somente exhibe êxitos, a psicanálise permite perceber o dejetivo que todos somos do discurso, mas o fundamental é que uma satisfação nova possa surgir aí.

A destituição do sujeito crente do final de análise pode dar lugar ao surgimento de um *dupe* da boa maneira.

Não obstante, seguem vivas as questões que nos interessam. A do momento singular em que surge uma mudança na posição subjetiva do analisante. A da importância da intervenção do analista nesses momentos finais das análises para que se articule com as finalidades que lhe são próprias. O cartel nos anima a não ficar nem excessivamente fascinados nem frustrados pelas experiências dos testemunhos de passe sempre em falta a respeito de um saber que pretenda se constituir como um todo.

Donostia-San Sebastián. 16/9/2022.

Tradução: Maria Claudia Formigoni